LEITOR AVOADO

Luiz Eduardo de Carvalho

Tenho raiva do Pessoa, do Quintana, da Coralina, do Leminski, do Drummond, do Chico, do Gullar, do Barros, da Hilst, do Gil e de uma centena de outros poetas que me roubaram infinitos versos que eu teria feito se os pensasse antes deles... Agora dei para ter raiva também, pelo mesmo motivo, de amigos que têm se tornado próximos pela identidade que sinto em relação a seus poemas que jamais saberei imitar.

A viagem no hidroavião, de Alberto Bresciani (Editora Patuá, 2020), proporcionou-me emoções vertiginosas, não por uma suposta precariedade do equipamento, insinuada nas linhas tão antigas e frágeis postas com encantadora delicadeza na capa, no entanto, muito ao contrário, por ser um seguro instrumento de reconhecimento de paisagens que, por mais que já tenham sido sobrevoadas por outros exímios pilotos da poesia, mostram-se como inéditas e ainda mais encantadoras na perspectiva em que são vistas das janelinhas desse voo.

O sucesso do engenho deriva, talvez, de sua versatilidade: voa, pousa na água e na terra. Só não se alça ao quarto elemento: o ígneo deixa para o peito do passageiro incauto que se debruça sobre o panorama de sua poética irretocável, cujo estilo consolida-se paradigmático para nossos dias de tantas experimentações. Não que deva ser copiado, menos ainda vulgarizado, mas atentamente observado por todos que buscam agir no cerne da polissemia irradiada da quase ausência. Um ínfimo pulso elétrico egresso de criativos neurônios que é ampliado e transmitido pela antena da raça, como Ezra Pound preconizava o bom poeta.

Como voar significa deslocar-se, o que implica em tempo consumido pelo espaço transpassado, e como tempo transcorrido sugere sucessão de fatos, aparecem no radar a bordo uma miríade de pontos de narrativas, das quais personagens e ou alter egos emergem isolados ou em blocos de poemas consecutivos. São histórias, causos, fábulas, memórias que costuram o itinerário desse voo com obrigatórias escalas para o reabastecimento de vazios com que conter os próximos poemas, carga preciosa a ser transportada para além do ponto final da jornada.

São poemas curtos, breves, coesos e sem tautologia, sem tartamudices. São densos: mais do que o ar, mais do que a água, mais do que a terra. É preciso sobrevoá-los e saboreá-los. Não se pode despencar sobre eles ou engoli-los afoitamente, pois seus versos têm a densidade do fogo: transformam tudo o que tocam.

Li do embarque ao desembarque na ordem sugerida pelo mapa temático do piloto. Agora, refarei a viagem, as viagens, vezes e vezes, saltadas, misturadas, repetidas, alternadas, sem ordem, sem plano de voo, sem direção ou destino. Em pura vertigem!

Depois do pasmo experimentado com os *Fundamentos de ventilação* e *Apneia* (2019), da excelência conferida em *Incompleto Movimento* (2011) e em *Sem passagem para Barcelona* (2015) e, encerrado esse maravilhoso voo de *Hidroavião* (2020), eu fico aqui, diante da esteira de bagagem, aguardando ansioso pelo próximo lançamento!